

# HUMOR E CRÍTICA NOS MEMES DA PANDEMIA DE COVID-19: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

Milena dos Reis Insfran (UEMS)

[milenainsfran@hotmail.com](mailto:milenainsfran@hotmail.com)

Aline Saddi Chaves (UEMS)

[alinechaves@uems.br](mailto:alinechaves@uems.br)

## RESUMO

Desde seu advento nos anos 1990, a Internet se tornou uma das mais importantes ferramentas de comunicação e relacionamento entre usuários. Neste ambiente virtual, as redes sociais são o espaço em que são produzidos e postos em circulação os mais variados discursos, manifestando pontos de vista sobre temas polêmicos da sociedade. O *meme* é um dos gêneros discursivos que circulam neste espaço, com características marcantes: a rapidez de propagação, o forte apelo à imagem, a tonalidade dialógica investida de humor e crítica. Fundamentado na Análise dialógica do discurso, este artigo tem por objetivo analisar *memes* cuja temática gira em torno da pandemia de Covid-19. O *corpus* é composto por três *memes* que abordam, respectivamente, o debate polêmico sobre o uso do medicamento cloroquina e a reação de pessoas idosas e do povo brasileiro frente à pandemia. Este recorte nos conduz à hipótese de que o *meme* é um gênero discursivo que permite abordar um assunto sério, que envolve questões sanitárias e políticas, em tom lúdico e cômico, isto é, divertindo e, ao mesmo tempo, introduzindo a crítica de forma irônica.

### Palavras-chave:

Análise dialógica do discurso. *Meme*. Pandemia de Covid-19.

## RÉSUMÉ

Depuis son avènement dans les années 1990, Internet est devenu l'un des plus remarquables outils de communication et de relation sociales. Dans cet environnement virtuel, les réseaux sociaux sont l'espace où se produisent et sont mis en circulation les discours les plus variés, manifestant des points de vue sur des sujets polémiques de la société. Le *mème* est l'un des genres discursifs qui habitent cet espace avec des caractéristiques prégnantes: la rapidité de diffusion, l'appel à l'image, la tonalité dialogique investie d'humour et de critique. Fondé sur l'analyse dialogique du discours, cet article se propose d'analyser des *mèmes* dont la thématique tourne autour de la pandémie de Covid-19. Le *corpus* est composé de trois *mèmes* qui abordent, respectivement, le débat polémique sur l'utilisation du médicament chloroquine et la réaction des personnes âgées et du peuple brésilien face à la pandémie. Ce découpage nous conduit à l'hypothèse selon laquelle le *mème* est un genre discursif qui permet d'aborder un sujet sérieux, rapporté à des questions sanitaires et politiques, sur un ton ludique et comique, c'est-à-dire en divertissant, tout en introduisant la critique de manière ironique.

### Mots-clés:

Analyse dialogique du discours. *Mème*. Pandémie de Covid-19.

## 1. Introdução

No ano de 2020, a disseminação de um vírus letal surpreendeu o mundo todo, fazendo com que o medo e o pânico se instalassem entre as populações. Com efeito, a pandemia de Covid-19 assusta pelo alto número de mortos e infectados por um vírus sobre o qual ainda não se tem muitas informações. Seu impacto se faz sentir, ainda, nas graves consequências econômicas e sociais desta nova doença, que gerou desemprego e transformações drásticas no modo de vida das pessoas, como o isolamento social.

O pouco que se sabe sobre o coronavírus, originado na China, é que ele pertence a uma família do vírus (CoV), que pode causar desde resfriados comuns até doenças mais graves, como a Síndrome Aguda Respiratória Severa (SARS) e a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS). O novo coronavírus recebeu a denominação SARS-CoV-2 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e se popularizou pelo nome “Covid-19”.

Nesse contexto, observou-se o surgimento maciço, nas redes sociais, de textos de caráter humorístico, como uma maneira de “desconstruir” os usuários do meio digital diante dos efeitos desastrosos da Covid-19. Dentre esses textos, o *meme* se caracteriza como um gênero discursivo nativo do meio digital uma forma de comunicação bem popular nos últimos anos, além de ser um grande indicador de opiniões em tom de humor, a partir de assuntos variados. Este gênero discursivo circula em diferentes formatos (imagem, vídeo) e suportes no meio digital: *sites*, redes sociais, *e-mails*, *blogs*, aplicativos de mensagens de instantâneas. Quando um acontecimento adquire grande repercussão, seja de cunho político ou de qualquer outro assunto polêmico, automaticamente os *memes* passam a circular, pois, de alguma forma, eles manifestam uma certa representação da opinião pública, sendo produzidos com finalidades diversas: criticar, fazer rir, comentar, mostrar algum espanto, entre outros.

Com base nessas ideias iniciais, propomos, neste artigo, analisar três *memes* que circularam durante a pandemia de Covid-19, em 2020, nas redes sociais, com base na Análise dialógica do discurso (BAKHTIN, 2003), que permite compreender o *meme* como uma estratégia paródica, cujos efeitos de sentido têm relação com a cosmovisão carnavalesca.

## 2. A origem do meme

O termo *meme* foi cunhado pelo biólogo e etnologista Richard Dawkins, em 1976, em seu best-seller *O gene egoísta* (DAWKINS, 1976). O termo tem origem na palavra grega *mimeme*, que significa “algo que é imitado”. Dawkins nomeou as unidades de transmissão cultural de *meme*, pela semelhança sonora com “gene”, o que é assim explicado:

O novo caldo é o caldo da cultura humana. Precisamos de um nome novo para o replicador, um substantivo que transmita a idéia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de *imitação*. “*Mimeme*” provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar *mimeme* para *meme*. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada a “memória”, ou à palavra francesa *même*. (DAWKINS, 1976, p. 112)

O autor parte da ideia de que os comportamentos humanos são baseados em imitações. Assim, da mesma forma como os genes se propagam, pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides, os *memes* propagam-se de cérebro para cérebro, assumindo a forma de “imagens, sons, gestos, palavras, monodias, jeitos de se vestir e até mesmo elementos complexos como crenças ou rituais” (MARTINO, 2015, p. 177).

Seguindo no pensamento de Dawkins, este autorexemplifica em sua obra que, assim como nem todos os genes que podem ser replicados obtêm sucesso, assim também são os *memes*, pois nem todos são bem sucedidos no “fundo”, mas alcançam um sucesso brilhante em curto espaço de tempo. O estudo dos *memes* está relacionado diretamente com o estudo da difusão de informação e de que tipo de ideia sobrevive, assim podendo ser passada de pessoa a pessoa. Trata-se, então, de uma forma básica de aprendizado social, através da imitação. Para que tenha um alto valor de sobrevivência, o *meme* deve ter, segundo Dawkins (1976), as seguintes características essenciais: a longevidade, a fecundidade e a fidelidade de cópia.

A longevidade está relacionada à capacidade de um *meme* de permanecer no tempo, ou seja, quanto mais tempo ele sobreviver, mais tempo ele terá para se replicar. A fecundidade diz respeito à capacidade do *meme* de gerar cópias, porém a rapidez não é algo tão relevante, pois um determinado *meme* pode permanecer propagando-se de uma forma constante por um longo tempo, uma vez que, na internet, os *memes* ficam

arquivados. Finalmente, a fidelidade de cópia está relacionada à capacidade do *meme* em gerar cópias com lealdade ao *meme* original.

Dawkins enfatiza que os computadores em que os *memes* vivem são os cérebros humanos, e que muitas vezes os *memes* e os genes se reforçam mutuamente, mas às vezes se opõem. Dawkins (1976, p. 112) explica, ainda, que “os genes egoístas (...) não têm capacidade de previsão. Eles são replicadores inconscientes e cegos”.

Mas, apesar de sua origem na obra de Dawkins (1976), os *memes* recebem outro tratamento teórico e metodológico, quando se trata de considerá-los como manifestações de linguagem, ou seja, como gêneros do discurso.

### **3. Os memes como gêneros do discurso**

Para Bakhtin, os gêneros do discurso são determinados sócio-historicamente. O autor explica que só nos comunicamos, isto é, falamos e escrevemos, por meio de gêneros do discurso. Os falantes têm um infundável repertório de gêneros e, muitas vezes, nem se dão conta disso. Até na conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso. Tais gêneros nos são dados, conforme Bakhtin (2003, p. 282), “quase da mesma forma com que nos é nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”.

Nessa linha de pensamento, o autor cita os três elementos que caracterizam os gêneros discursivos: o tema, o estilo e a construção composicional. Com relação ao *meme*, observa-se: 1) o tema é frequentemente uma reação, crítica ou comentário sobre algum acontecimento de ampla repercussão social; 2) o estilo, isto é, as escolhas linguísticas, geralmente se caracteriza por uma linguagem informal, com uso de gírias, bordões e apelo à intertextualidade; 3) na construção composicional do *meme*, tem-se, via de regra, uma mensagem curta e o arranjo de signos verbais e não verbais, caracterizando um arranjo de signos verbais e não verbais.

O *meme* é um gênero do discurso que circula no ambiente virtual, e tem como uma de suas fortes características a polifonia (BAKHTIN, 2005), isto é, a simultaneidade de vozes sociais, que se manifestam na materialidade verbo-visual de diversas formas, contribuindo para que os efeitos de sentido sejam alcançados quando do processo de replicação. Além de serem humorísticos, os *memes* também podem instaurar uma reflexão, questionar uma realidade e/ou problematizar uma situação.

Estudioso da Análise do discurso francesa, Patrick Charaudeau (2010, p. 212) diz que três desafios estão presentes na construção de qualquer gênero de informação: a) o desafio de visibilidade (atração da atenção do público leitor); b) o desafio da inteligibilidade (tornar o conteúdo interessante e acessível); e c) o desafio de espetacularização (fazer o conteúdo suscitar interesse e/ou emoção). Compreendido como um gênero do discurso da sociedade de massas, em que há grande circulação de textos, os *memes* atendem a todos os requisitos mencionados por Charaudeau (2010). Desse modo, conquistaram o público da internet, gerando um grande interesse nas pessoas. Os *memes* que circulam nas redes podem ser facilmente identificados pelos internautas por terem uma configuração mais ou menos característica.

Do ponto de vista de sua compreensão, o *meme* mobiliza frequentemente um saber intertextual, isto é, a referência, implícita ou explícita, a outros textos. Conforme Cavalcante (2007), a intertextualidade pode ser de quatro tipos: (i) a intertextualidade explícita ocorre quando há menção direta ao texto-fonte do intertexto produzido, por exemplo, quando o intertexto está entre aspas; (ii) a intertextualidade implícita acontece quando não há uma menção direta do texto-fonte e são necessários cálculos mentais para compreender a mensagem; (iii) a intertextualidade estrita dialoga com a explícita; (iv) a intertextualidade ampla se refere aos textos que compartilham uma mesma temática ou que estão produzidos dentro de uma mesma área do conhecimento ou corrente de pensamento (um conjunto de textos).

Nos *memes*, os processos intertextuais vão muito além do texto, pois, para que o enunciatário (leitor) interprete um *meme*, é necessário que ele entenda a relação estabelecida entre os signos verbais e não verbais (imagens), e, sobretudo, que esteja atualizado sobre o assunto abordado. Assim, é exigido do enunciatário um conhecimento prévio para que haja a compreensão efetiva do *meme*.

Em outra perspectiva, Fiorin (2006, p. 162) define a intertextualidade como uma relação dialógica entre textos e suas materialidades, ao passo que a relação entre discursos caracteriza a interdiscursividade. A esse respeito, o autor explica que:

O termo *intertextualidade* fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos. Isso significa que a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas que o contrário não é verdadeiro (FIORIN, 2006, p. 181, grifos do autor).

Por natureza, os *memes* são intertextuais, na medida em que dialogam com outro(s) texto(s), são construídos em resposta a outro(s) texto(s), de forma explícita ou implícita, mas fazendo com que o enunciatório possa compreender o tipo de referência mobilizado. Nos *memes*, a intertextualidade pode ser observada na repetição de um bordão, gíria ou imagem. Quando a referência intertextual é identificada, ocorre o efeito de humor, que é algo característico desse gênero discursivo. Para conhecer esses efeitos de sentido, antes se faz necessário explicar o contexto de emergência dos *memes*: as redes sociais.

#### **4. Memes e condições de produção e recepção**

Com a origem da internet na década de 1990, a conexão entre as pessoas foi facilitada, e com o aprimoramento desta tecnologia, surgiram as redes sociais, que se caracterizam por uma estrutura que permite a comunicação entre empresas ou pessoas, assim cada um se relaciona na internet e nas redes de acordo com sua preferência e particularidades.

Atualmente, com o avanço das tecnologias digitais na *web*, existem diferentes tipos de redes sociais, sites e aplicativos de relacionamento, dentre os quais podem-se citar alguns que são de fácil acesso e popularidade, como o *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Tumblr*, *Tinder*, *Tik Tok* e redes sociais profissionais, como o *Linked In*. Além das redes sociais, os conteúdos circulam, ainda, por diferentes ferramentas: diários digitais (*blogs*), sites de vídeos (*Youtube*), redes de compartilhamento de documentos (*Slideshare*).

Este avanço, inédito na história da humanidade, promove uma maior conexão e conectividade entre as pessoas. É nesse contexto que os *memes* se popularizaram, pois, como explica Martino:

Se os *memes* são veículos de transmissão de grupos de ideias, as redes sociais e as possibilidades de compartilhamento de informações são um meio de expansão à velocidade da luz. (MARTINO, 2015: p. 178)

Com este acesso fácil possibilitado graças ao avanço da *web*, não se sabe ao certo de onde os *memes* surgem, nem quem são seus autores, mas o que se sabe é que existem lugares propícios para a criação dos conteúdos veiculados por este gênero discursivo. Os *memes* tratam desde assuntos engraçados até os mais sérios, de cunho político. Na *internet*, o objetivo dos *memes* é, à primeira vista, de divertir os internautas. Eles são criados por amadores, na maioria das vezes, o que se observa por sua

reduzida qualidade estética. Além disso, eles podem circular basicamente em qualquer suporte oferecido pela *web*: vídeos, *gifs*, *links*, ícones, caracteres, etc., no formato de texto verbal e/ou visual.

## 5. *Meme e paródia: efeitos de sentido*

Sendo o humor o efeito de sentido privilegiado dos *memes*, Bakhtin (BAKHTIN, 1965, apud CLARK; HOLQUIST 1998, p. 323) explica que uma das características do humor é contestar o papel de autoridade de alguns discursos (religioso, filosófico, ético, político, científico etc.), revolucionando a linguagem e desmascarando os discursos oficiais hierárquicos e opressivos. Esta reflexão está relacionada, no pensamento do filósofo russo, ao que ele denomina “cosmovisão carnavalesca”, isto é:

A cosmovisão carnavalesca é dotada de uma poderosa força vivificante e transformadora e de uma vitalidade indestrutível. Por isto, aqueles gêneros que guardam até mesmo a relação mais distante com as tradições do sério-cômico conservam, mesmo em nossos dias, o fermento carnavalesco que os distingue acentuadamente entre outros gêneros. (BAKHTIN, 2005, p. 107)

Tomando emprestado a metáfora do Carnaval, Bakhtin (2005) propõe-se a explicar a principal característica do romance polifônico, que, segundo ele, é inaugurado pelo romancista russo Dostoiévski. Este “novo” gênero teria como seus ancestrais dois gêneros do sério-cômico, pertencentes à tradição grega: o diálogo socrático e a sátira menipéia. Ambos têm em comum o caráter informal e dialógico, na medida em que consistem em procedimentos de busca da verdade baseados no diálogo, no emprego de estilos variados, frequentemente com humor e irreverência, assim como acontece na época do Carnaval, em que ocorre a quebra de protocolos, a troca de papéis socialmente estabelecidos. Em suma, a carnavalização, no romance polifônico, caracteriza a vida em seu aspecto mais real e contraditório.

Nessa concepção, que se pode chamar dialógica da linguagem como um todo, e não somente do discurso literário, a paródia ocupa um lugar à parte. Originada no século V. a.C. na Grécia, a paródia – do grego *parōidia* significa “cantar ao lado”. Em uma definição mais simples, trata-se de uma operação textual que consiste em transformar o tema de um texto prévio, mantendo seu estilo. Como resultado, a paródia tem a finalidade de subverter, proporcionando riso.

No *meme*, a paródia é um elemento central, pois o objetivo é justamente subverter um outro texto, conservando seu estilo. O texto parodiado, entretanto, pode ser tanto escrito (verbal) quanto uma imagem (visual). Nesse sentido, trata-se de uma paródia bastante contemporânea, visto que adaptada ao suporte digital, que facilita o agenciamento e a co-construção do sentido. Nas análises a seguir, é possível desvelar o efeito paródico dos *memes*.

## 6. Análise de memes

Para ilustrar o estudo proposto neste artigo, analisaremos três *memes*, começando pelo *meme* “Maria Cloroquina”<sup>1</sup>.

Figura 1: *Meme* Maria Cloroquina.



Em meio à pandemia do Coronavírus, o medicamento denominado “cloroquina” se tornou um dos assuntos mais comentados nas redes sociais, descontraindo os usuários por sua finalidade lúdicas, mas também servindo de arma para debates de fundo político e ideológico.

A cloroquina é um medicamento usado no tratamento e profilaxia de malária em regiões onde esta doença é suscetível ao efeito da Hidroxicloroquina, um fármaco usado também na prevenção e tratamento da malária sensível à cloroquina. Mas, embora o Ministério da Saúde afirme que não há estudos que atestem a eficácia deste medicamento no combate à pandemia – isso porque, se utilizado de forma inadequada e sem prescrição médica, pode ser muito nocivo à saúde –, algumas autoridades da esfera científica e da política se uniram em uma defesa em massa do remédio, tanto em suas redes sociais quanto em pronunciamentos oficiais. Essa tomada de posição repercutiu nas redes sociais, dando origem a uma grande produção de *memes* relacionados ao tema.

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://twitter.com/o\\_antagonista/status/1261293316244733952](https://twitter.com/o_antagonista/status/1261293316244733952). Acesso em: 10 set. 2020.

Na figura a seguir, podemos observar que a referência para que houvesse o nome “Maria Cloroquina” e o próprio *meme* acabou saindo de uma personagem da telenovela brasileira *Carrossel*, que teve sua primeira versão mexicana em 1991. Posteriormente, em 2012, a emissora de televisão Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) produziu a versão brasileira da telenovela. A temática de *Carrossel* gira em torno de acontecimentos relacionados a uma turma de alunos e sua professora. Há uma aluna em especial, Maria Joaquina, interpretada pela atriz Larissa Manoela, que personifica uma criança mimada, pertencente à elite, centro das atenções na turma por seu comportamento antipático e preconceituoso. A seguir, transcrevemos uma imagem da personagem Maria Joaquina.

Figura 2: Maria Joaquina, personagem da telenovela *Carrossel*<sup>2</sup>.



Fonte: Retirado do site de buscas

No *meme* em análise (figura 1), o Presidente da República Jair Bolsonaro é retratado como a personagem Maria Joaquina, ocorrendo, de forma amadora, a simples superposição de seu rosto sobre a foto da personagem (figura 2). Para interpretar este *meme*, é preciso relacionar a personagem em questão ao discurso de defesa do medicamento por parte do Presidente, o que se faz por meio da paródia, conservando-se o estilo e transformando o tema, segundo duas estratégias. Em primeiro lugar, o nome “Cloroquina” rima com “Joaquina”, o que dá mostras de que o texto parodiado faz menção implícita ao texto-fonte. Em segundo lugar, toda a configuração semiótica da imagem permite uma associação direta entre o Presidente e Maria Joaquina. Os trajes de Maria Joaquina remetem, com efeito, ao universo infantil, escolar, assim como os acessórios tipicamente femininos (tiara e luvas cor-de-rosa), orientando o sentido do

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.purebreak.com.br/midia/veja-o-antes-e-depois-de-larissa-manoela-281770.html>. Acesso em: 15 nov. 2020.

*meme* para um comportamento imaturo, mimado, característico de uma das personagens mais polêmicas de *Carrossel*.

Desse modo, os elementos listados (nome e signos visuais) promovem o intertexto necessário para se associar o discurso de defesa da cloroquina, por parte do Presidente da República, a um comportamento infantil, imaturo. Pensando-se na pandemia de Covid-19 e sua gravidade no panorama mundial, pode-se dizer que o comportamento do Presidente é imprudente – visto que o uso da cloroquina não é unanimidade nas comunidades científicas – e baseado em um capricho típico de uma criança.

O próximo *meme* a ser analisado foi coletado em uma rede social, o *Twitter*, porém o *printscreen* do *meme* foi replicado em outras redes, podendo ser encontrado também em sites de busca. Para que o internauta possa depreender o caráter humorístico deste *meme*, ele precisa inferir a relação entre o tema da pandemia e o comportamento de pessoas idosas. A explicação mais evidente baseia-se em uma representação dos idosos como sendo pessoas teimosas, que sempre encontram uma maneira de sair de casa, já que não se encontram mais em atividade (profissional ou outra). Quando se depararam com a pandemia, a quarentena e o toque de recolher, essas pessoas tiveram dificuldade para se acostumarem ao “novo jeito” de viver: o isolamento social.

Figura 3: *Meme* Idosos do grupo de risco<sup>3</sup>



Durante a pandemia de Covid-19, os órgãos sanitários definiram critérios para estabelecer o chamado “grupo de risco”, isto é, as pessoas mais suscetíveis a desenvolverem complicações decorrentes da Covid-19.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://falauniversidades.com.br/memes-da-quarentena-veja-os-melhores-memes-que-circulam-nas-redes/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

Neste grupo encontram-se os idosos, considerados mais vulneráveis em razão da idade, de doenças prévias (comorbidades). Dessa forma, uma das medidas adotadas por governantes para evitar a circulação de pessoas do grupo de risco, como os idosos, foi suspender benefícios como o passe livre de ônibus. Mesmo assim, os idosos continuaram sendo vistos nos espaços públicos das cidades, o que gerou comentários e *memes* como este (figura 3).

Sabendo-se que os idosos pertencem ao grupo de risco da doença, e que seu comportamento é de teimosia, não é difícil identificar o efeito de humor deste *meme*. Na cenografia (MAINGUENEAU, 2008) do texto, lê-se o enunciado “idosos estão no grupo de risco e devem ficar em casa de quarentena”, ao qual responde o enunciado “os idosos:”. Logo abaixo, uma imagem ilustra uma cena em que vários personagens idosos andam na rua, cada um para um lado.

A cena em questão foi retirada da 10ª. temporada de um desenho animado de sucesso dos anos 1990: “Os Simpsons”. Trata-se do 11º. episódio, intitulado “Um bom Bart não se deixa dobrar”, cujo enredo narra um toque de recolher injustamente feito para crianças, que não obedecem à medida. No final do episódio, uma votação decide que o toque de recolher será aplicado a pessoas menores de 60 anos, assim, somente os idosos podem sair. Popularmente, circula uma “teoria” segundo a qual muitos episódios deste *sitcom*, que protagoniza a classe média norte-americana, são premonitórios. Com base nisso, muitos internautas afirmam que essa cena dos idosos na rua também foi uma premonição do desenho. Lançado em 1989, este desenho ainda está no ar em alguns canais de televisão e na *internet*.

O criador do *meme* em questão o publicou no Twitter, valendo-se de uma frase humorística em seu nome no perfil: “Se o coronavírus mata pq n ta preso?”. Este título também repercutiu o tom sarcástico conferido ao tema da pandemia, ao relacionar o vírus a um ser humano, por um raciocínio lógico de inferência (O homem que mata, é preso > O coronavírus mata > O coronavírus deveria ser preso).

Este *meme* foi replicado e até mesmo refeito, como se pode observar a seguir (figuras 4 e 5).

Figura 4: *Meme* Idosos e rolê<sup>4</sup>.

Coronavírus: os idosos são a idade de risco  
Os idosos: bora dá rolê na rua



Figura 5: *Meme* “Temos de ficar em casa para proteger os mais velhos”<sup>5</sup>.



O *meme* da figura 4 mantém uma relação intertextual com o *meme* da figura 3, mantendo seu tema (idosos na rua) e a imagem que remete ao episódio dos Simpsons. A diferença entre ambos está no enunciado verbal, pelo emprego de uma gíria empregada por jovens: “rolê”, que, segundo o *Dicionário Online de Português*, significa “dar uma volta, dar um passeio”.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/03/20/coronavirus-internet-quer-saber-como-manter-idosos-em-casa-veja-memes.htm>. Acesso em: 15 out. 2020.

<sup>5</sup> Disponível em: [https://m.facebook.com/OsSimpsonsBROFC/photos/a.944005725761050/1483257545169196/?type=3&eid=ARCSGra\\_YVymvXME3JAXu8U1bLM7cBVq8PcGU\\_D73Ck5uWvBR8yz5RpKUxr37NIb8SgzvCPJO8pdb583&locale=ne\\_NP](https://m.facebook.com/OsSimpsonsBROFC/photos/a.944005725761050/1483257545169196/?type=3&eid=ARCSGra_YVymvXME3JAXu8U1bLM7cBVq8PcGU_D73Ck5uWvBR8yz5RpKUxr37NIb8SgzvCPJO8pdb583&locale=ne_NP). Acesso em: 15 out. 2020.

O *meme* da figura 5 procede da mesma maneira, ou seja, o tema do comportamento dos idosos frente à pandemia é mantido, assim como a imagem dos Simpsons, enquanto os enunciados são diferentes. Neste *meme*, os idosos são denominados “os mais velhos”, uma expressão mais coloquial para referir às pessoas de idade avançada. Além disso, o título também é diferente: “Temos de ficar em casa para proteger os mais velhos”, um enunciado que reverbera outros discursos, em especial as recomendações oficiais (política e saúde).

Esta fala “autorizada” é subvertida pelo enunciado-resposta seguinte: “Deus me valha, raistaparta aos velhotes!! Fiquem em casa faxavôr”, em que se nota o emprego das interjeições “raistaparta!”, uma corruptela de “raios te partam!” e “faxavôr”, corruptela de “faça o favor”. Desse modo, o *meme* reverbera as vozes sociais, dando vazão ao aspecto polifônico e carnavalesco dos *memes*.

Apesar dessas alterações no estilo verbal dos *memes* o sentido se manteve, ou seja, tanto o *meme* da figura 4 quanto o *meme* da figura 5 tematizaram a atitude dos idosos diante da pandemia.

A seguir, analisamos o último *meme* sobre a pandemia de Covid-19 escolhido para compor o corpus do presente artigo.

Figura 6: Brasileiros reagindo ao Coronavírus<sup>6</sup>.



Neste *meme*, o coronavírus é personificado por uma mulher, que é retratada gritando e apontando o dedo para o personagem à sua direita, um gato. A mulher, amparada por uma amiga, diz: “Eu vou te matar”. Ao

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/meme-mulher-gritando-gato-mesa-jantar/>. Acesso em: 10 out. 2020.

lado, o gato, que personifica os brasileiros, tal como indicado no título do *meme*, reage com o enunciado: “Quantos dias de atestado será que isso dá?”.

Este *meme* é revelador das múltiplas possibilidades do gênero em questão, pois as imagens não têm nenhuma relação uma com a outra; foram simplesmente justapostas para que fosse possível produzir o efeito de humor. A primeira imagem faz parte de uma cena de um Reality Show americano intitulado “The Real Housewives of Beverly Hills”, que acompanha a vida de sete mulheres ricas. No dia 5 de dezembro de 2011 foi ao ar o episódio “Malibu Beach Party From Hell” e, nele, a participante Taylor Armstrong chora durante uma discussão, enquanto Kyle Richards tenta acalmar a amiga. No dia seguinte à exibição do episódio, o jornal online Daily Mail publicou um artigo explicando o ocorrido, e a imagem de destaque tornou-se famosa.

Figura 2: *Meme* "Malibu Beach Party From Hell"<sup>7</sup>.



Já a imagem do gato apareceu na internet em junho de 2018, quando um usuário do *Tumblr*<sup>8</sup> postou a fotografia de um gato branco chamado *Smudge* com olhar confuso, sentado diante de uma mesa em frente a um prato de salada. O usuário intitulou a foto “Ele não gosta de vegetais”.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/meme-mulher-gritando-gato-mesa-jantar/>. Acesso em: 10 out. 2020.

<sup>8</sup> *Tumblr* é uma rede social em plataforma de blog, onde os usuários podem compartilhar e interagir com publicações em diversos formatos (áudios, vídeos, textos, imagens, *gifs* e etc).

Figura 3: Meme “O gatinho que não gosta de vegetais”<sup>9</sup>.



Em maio de 2019, as duas imagens começaram a ser utilizadas separadamente no *Twitter* e, um tempo depois, foi realizada a montagem das duas fotos juntas para compor este *meme*. Para interpretar este *meme*, é exigido do enunciatário uma representação sobre o povo brasileiro, e em particular sobre o hábito que alguns brasileiros têm de pedir atestados para serem dispensados do trabalho. Quando o coronavírus surgiu, muitas pessoas subestimaram a gravidade da doença e até fizeram piadas sobre o assunto. Desse modo, este *meme* adquire um tom humorístico quando dá a entender que o brasileiro é preguiçoso, que não gosta de trabalhar, que tem o hábito de pedir atestados e que está sempre bem tranquilo, como o gato sentado à mesa. Observa-se, assim, a relação entre os *memes* e os estereótipos culturais, nesse caso, da cultura brasileira.

## 7. Considerações finais

Com este breve estudo de *memes* gerados durante a pandemia de Covid-19, foi possível observar que se trata de um novo gênero discursivo, cujo aparecimento está relacionado a sua popularização nas redes sociais no ambiente digital. Esta forma de comunicação vem se popularizando a cada ano que passa, com o intuito de manifestar pontos de vistas diversos sobre os acontecimentos, sob a forma de comentário bem-humorado e/ou de crítica social.

Originado na obra de Dawkins, onde é definido como uma unidade de replicação ligada à cultura, o *meme* foi tratado, neste artigo, como gênero discursivo, o que implica descrever seu dispositivo comunicacional e explicar seus efeitos de sentido. Assim, expusemos alguns traços

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/meme-mulher-gritando-gato-mesa-jantar/>. Acesso em: 13 out. 2020.

prototípicos deste gênero discursivo: a heterogeneidade de temas, o emprego de gírias e bordões da cultura de massas, a combinação de signos verbais e não verbais, a estética amadora, o forte apelo à intertextualidade e sua natureza carnavalesca. Esses elementos são responsáveis pelo reconhecimento do gênero e de suas finalidades.

Nas análises de três *memes* que circularam durante a pandemia, foi possível observar que, mesmo em uma conjuntura nada propícia, surgiram inúmeros *memes*, com o intuito de amenizar o clima de gravidade trazido pela doença, e amplificado nas mídias. Os *memes* analisados representam, com efeito, de forma satírica e crítica, os temas ligados à pandemia: o uso de um medicamento ainda não comprovado cientificamente quanto a sua eficácia para o tratamento da doença, apesar de ser recomendado pelo Presidente da República; a reação de idosos e dos brasileiros diante do isolamento social, em que se observa a atualização de estereótipos.

Observa-se, enfim, que, durante a pandemia de Covid-19, os *memes* cumpriram sua função de unidades replicadoras de comportamentos humanos, o “caldo da cultura humana” (DAWKINS, 1976, p. 112). Assim sendo, apesar de provocar um isolamento social no ano de 2020, a pandemia de Covid-19 também aproximou as pessoas, por meio do discurso digital, atribuindo-lhes um senso de pertencimento e uma “forma de criar laços, ainda que difusos, entre as pessoas: reelaborar um *meme* é ser parte de uma comunidade talvez anônima, mas não menos forte” (MARTINO, 2015, p. 179).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Trad. de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2010.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DAWKINS, R. *O gene egoísta*. São Paulo: EDUSP, 1979.

*DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/role-2/>. Acesso em: 20 out. 2020.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.p. 161-193.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Trad. de Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva *et al.* Rio de Janeiro: Parábola, 2008.

MARTINO, L. M. S. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.